

Metáforas em ondas sonoras

Sônia Caldas Pessoa*

Índice

1	Resumo	1
2	Algumas abordagens do conceito de metáfora	1
3	O amigo de todas as horas	3
4	Aspectos Metodológicos	5
5	Metáforas nas ondas do rádio	6
6	Conclusão	8
7	Referências Bibliográficas	8

1 Resumo

O presente trabalho analisa metáforas cotidianas que fazem parte do nosso sistema conceitual, à luz da teoria de George Lakoff e Mark Johnson, e a sua presença na linguagem radiofônica, que atua como um espelho do discurso popular, veiculando temas variados por meio da fala dos comunicadores. As metáforas são usadas com frequência em interações rotineiras, o que as torna praticamente imperceptíveis no cotidiano da comunicação humana. Em programas radiofônicos, os profissionais recorrem às metáforas populares para chamar a atenção do público. De que maneira essas metáforas influenciam o nosso sistema conceitual? Elas contribuem

*Jornalista, Professora de Radiojornalismo no Centro Universitário Newton Paiva. Mestre em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: soniapessoa1@yahoo.com.br

para a educação do ouvinte? Podem disseminar preconceitos? Nosso trabalho busca nas ondas do rádio exemplos de metáforas que permeiam o nosso cotidiano.

2 Algumas abordagens do conceito de metáfora

O uso disseminado de metáforas talvez seja uma das explicações para o fato de não evidenciarmos sua presença significativa em nossas vidas. Em vários momentos, recorremos a metáforas em interações rotineiras, o que as torna comuns, praticamente imperceptíveis, no cotidiano da comunicação humana. As metáforas, para alguns, podem ser meras figuras decorativas, próprias de textos literários. Para outros, entretanto, integram o nosso sistema conceitual e podem até mesmo influenciar nossas ações e pensamentos. O distanciamento entre essas duas vertentes, entre várias outras possíveis, sobre a função das metáforas, nos convida a ultrapassar a simples fronteira do tempo e do espaço para mergulhar em um universo que discute o poder da metáfora, que estaria presente na vida da maioria das pessoas.

O conceito de metáfora é discutido desde a Grécia Antiga, tendo despertado a atenção de pensadores como Aristóteles e Platão. Por 23 séculos, a metáfora foi concebida a partir de uma visão objetivista ou, em outras pa-

lavras, como simples figura de linguagem. Lakoff e Johnson quebram o paradigma desse enfoque considerado um dogma, vigente até a década de 70 do século XX, e consolidam um *status* epistemológico para a metáfora com a obra *Metaphors we live by*, publicada em 1980 e traduzida para o português 22 anos depois. A nova percepção representa uma ruptura com a tradição retórica que teve início com Aristóteles e que considerava a metáfora um ornamento lingüístico, sem valor cognitivo.

Em Aristóteles, encontramos o valor decorativo da metáfora, que ocorreria pela semelhança entre dois ou mais seres ou objetos: "a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia". O filósofo ilustra o tema com o exemplo de dois atos que estariam diretamente relacionados entre si: o ato de "lançar a semente à terra", ou semear, e o ato de o sol permitir que sua luz caia sobre a terra, ou "semear a luz divina".

O exemplo de Aristóteles provavelmente faz parte da rotina de muitos de nós. Não obstante, nem todas as metáforas podem ser entendidas imediatamente e apenas como elemento ornamental. Não parece apropriado que a sua compreensão seja tomada em uma dimensão universal; para o entendimento, é preciso relacioná-la à semelhança subjetiva que cada autor ou leitor estabelece entre os termos, a partir de uma leitura própria, permeada, entre outros fatores, pelas experiências de vida, ideologias e contexto social. Zanotto (1998, p. 14) nos lembra as possibilidades de interpretação da metáfora, isto é, a indeterminação, que pode permitir significados diversos. A autora defende um

ponto de vista a partir do conceito de metáfora como fenômeno cognitivo-social e indeterminado, adotando uma perspectiva contrastante com a visão objetivista, em uma demonstração de que está afinada com o novo paradigma, que considera a metáfora "uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento".

A afirmação supracitada nos remete a uma especulação sobre os motivos que teriam levado Platão, de acordo com observação de Lakoff e Johnson (*apud* Seidel), a ver com ressalvas o uso em larga escala da poesia e, possivelmente, da metáfora. "Plato viewed poetry and rhetoric with suspicion and banned poetry from his utopian Republic because it gives no truth of its own, stirs up the emotions, and thereby blinds mankind to the real truth."¹

O senso comum sobre metáfora é reforçado por dicionários tradicionais e também por aqueles especializados em Lingüística. Câmara Júnior (2002, p.166) afirma que metáfora "é a figura de linguagem que consiste na transferência de um termo para um âmbito de significação que não é o seu". A versão *on line* do MERRIAM-Webster Dictionary apresenta definição semelhante: "a figure of speech in which a word or phrase denoting one kind of object or action is used in place of another to suggest a likeness or analogy between them."²

¹ Minha tradução livre: Platão viu a poesia e a retórica com ressalvas e banuiu a poesia de sua utópica República porque ela não oferece a verdade, incita as emoções e, por isso mesmo, ofusca a verdadeira realidade da humanidade.

² Minha tradução livre: A figura de retórica na qual a palavra ou frase denota um tipo de objeto ou de ação usado no lugar de outro para sugerir semelhança ou analogia entre eles.

Lakoff e Johnson (2002), por seu turno, deixam claro que a metáfora não deve ser percebida apenas como uma figura de linguagem ou um termo que deve ornamentar a poesia. Eles acreditam que a metáfora pode exercer forte influência sobre o nosso pensamento e até mesmo sobre o nosso comportamento. As metáforas da vida cotidiana, expressão cunhada pelos autores, seriam conceitos metafóricos, revelados de diversas maneiras na língua, capazes de reger nossas ações.

A professora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva analisa, no livro *Metáforas do Cotidiano*, as metáforas que representam a cor negra por meio de signos para mostrar como essas introjetam no falante o preconceito racial. Paiva (1998) se apóia em Lakoff e Johnson (1980) para refletir sobre esse processo, que leva o falante a incorporar, de modo inconsciente, falsos valores entremeados na linguagem. Paiva (1998, p.109) conclui que "Em uma sociedade preconceituosa, o negro é visto como ser inferior, primitivo, retardado, perverso, desonesto, tolo, possuidor de maus instintos, sujo, irresponsável, preguiçoso, incapaz, etc". A autora demonstra como esses preconceitos são transformados em traços semânticos das palavras preto/negro e de que maneira são reproduzidos em inúmeras metáforas, denominadas por ela *metáforas negras*.

A disseminação das *metáforas negras* ocorre, inconscientemente, até mesmo entre grupos negros ou em meio a pessoas que combatem o racismo. Um dos exemplos citados pela professora é o uso da palavra *denegrir*, que significa, em sentido literal, tornar negro, escuro, enegrecer, escurecer. Já no sentido metafórico, representa manchar, macular, desacreditar, desabonar, difamar.

Neste sentido metafórico, o termo aparece em textos publicados pela mídia impressa, o que ocorre ironicamente, naqueles momentos em que se pretendia justamente protestar contra o preconceito racial. Em outras palavras, uma metáfora originária do preconceito é elemento de combate contra atitudes preconceituosas.

Após analisar outros exemplos da literatura e do folclore, a autora propõe a criação de novas metáforas, a exemplo do prevêem Lakoff e Johnson, como metáforas convencionais, que teriam "o poder de definir a realidade". Uma outra alternativa para que a situação descrita acima seja modificada é a tomada de consciência da linguagem pelos próprios grupos negros e por seus defensores. Assim, seria possível reverter o quadro atual, em que disseminamos, inconscientemente, a discriminação racial. O resultado ideal seria a produção consciente de novas metáforas.

3 O amigo de todas as horas

A metáfora conceitual INSTRUMENTO É COMPANHEIRO proposta por Lakoff e Johnson (2002, p. 229) nos remete às brincadeiras infantis, nas quais escolhemos bonecas, carrinhos ou jogos para nos acompanharem. Com o adulto, pode ocorrer comportamento similar, conforme exemplificado pelos autores, em relação a uma arma ("eu e a velha Betsy aqui", frase de um vaqueiro procurando por seu revólver), a um carro ("Eu e meu velho Chevy já vimos muito desse país juntos") ou a um instrumento ("Domenico vai sair em um *tour* com seu inestimável *Stradivarius* sem preço). Na observação de programas radiofônicos, percebemos que não raras são as vezes nas quais os profissio-

nais do rádio se deparam com ouvintes declarando via telefone que, com o rádio, eles não estão só, que o radinho os acompanha durante os afazeres domésticos, ou que o rádio está com eles durante o trabalho na madrugada.

A relação entre o ouvinte e o rádio no Brasil foi de proximidade, atingindo o companheirismo, desde os primeiros momentos após a sua instalação no país na década de 20 do século passado. As radionovelas emocionaram as senhoras de décadas atrás, que chegaram a preparar enxovais para o bebê de uma personagem que estava grávida e mandaram rezar missa de sétimo dia para o personagem do galã que havia morrido. Aliás, o elegante e poético comentário do dramaturgo alemão Bertold Brecht (*apud* McLuhan, 1969, p. 335) sobre o rádio parece comprovar a idéia de que esse meio de comunicação, conhecido como o companheiro ou o amigo de todas as horas, faz parte também do sistema conceitual de outros povos:

Pequena caixinha que carreguei em fuga para que suas válvulas não pifassem, que levei de casa para o navio e o trem para que os meus inimigos continuassem a falar-me perto de minha cama, e para minha angústia, as últimas palavras da noite e as primeiras da manhã sobre suas vitórias e sobre meus problemas. - Prometa-me não ficar muda de repente.

As radionovelas se foram e o rádio foi tomado por programas jornalísticos, que atualizam as notícias com rapidez, agilidade e simplicidade. Outros programas mantêm locutores dispostos a escutar as reclamações, reivindicações e até mesmo angústias pessoais dos ouvintes. McLuhan (1969, p. 336)

considera que o rádio tem influência peculiar sobre os cidadãos. “O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio”.

O rádio exerce fascínio e é parte integrante da rotina de vastas camadas da população humana. É importante ressaltar aqui que o rádio foi o primeiro equipamento eletrônico inserido no ambiente doméstico. Nas primeiras décadas do século XX, “as caixas radiomusicais” começavam a ser fabricadas e comercializadas nos Estados Unidos.

Umberto Eco (1991) lembra que os meios audiovisuais praticamente nasceram com o rádio e nele se inspiraram.

Ainda hoje, em muitas residências brasileiras, por exemplo, o ritual repete-se diariamente³. As pessoas ligam o aparelho, possivelmente todos os dias, para acessar as últimas informações, conhecer a previsão do tempo, ouvir as fofocas ou, simplesmente, escutar sua música preferida. Para Nunes (1993, p. 34), o simples ato de conectar o equipamento, considerado por ela como “um elemento dentro da constelação simbólica”, representa aumento do esforço do receptor, o que fomenta a sua participação.

O “esforço” físico de ligar o rádio e de ouvi-lo é recompensado por um componente psicológico importante. O ouvinte estabelece uma relação singular com o locutor, uma pessoa que imagina fazer parte de suas relações pessoais, com quem compartilha

³ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - e do Unesco Statistical Yearbook 1999, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco -, publicados pelo Almanaque Abril 2003, revelam que o rádio está presente em 88% das residências brasileiras.

idéias e posições sobre os fatos noticiados e divide os momentos de solidão, de indignação e até mesmo de alegria. “Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico”, resume Barthes (1990, p. 217). Estabelece-se, assim, um relacionamento de cumplicidade ou até mesmo uma relação amigável, baseada em um fio condutor chamado voz.

A voz humana é, com efeito, o lugar privilegiado (lidético) da diferença: um lugar que escapa a toda ciência, pois não há nenhuma ciência que esgote a voz: classifiquem, comentem historicamente, sociologicamente, esteticamente, tecnicamente a música, haverá sempre um resto, um suplemento, um *lapsus*, um não dito que se designa ele próprio: a voz. Este objeto de desejo – ou de riqueza: não há voz neutra – e se por vezes esse neutro, esse branco da voz acontece, é para nós um grande terror, como se descobríssemos com horror um mundo petrificado, onde o desejo estaria morto. Toda a relação com uma voz é forçadamente amorosa (Barthes *apud* Nunes 1993, p. 24).

O rádio é possivelmente o meio de comunicação que retrata com mais proximidade a linguagem popular. Os locutores e repórteres radiofônicos costumam se dirigir ao ouvinte informalmente, como se estivessem conversando com uma pessoa conhecida. As palavras usadas rotineiramente, de fácil assimilação, são um dos recursos utilizados pelos profissionais para garantir o bom entendimento da mensagem. Esse é um dos motivos que nos faz buscar nas ondas do rádio exemplos de metáforas e conceitos metafóricos que permeiam o nosso cotidiano.

O novo paradigma consolidado por Lakoff e Johnson, que norteia essa comunicação, trata a metáfora como uma operação cognitiva fundamental e não como uma figura de retórica. Os autores defendem a idéia de que a metáfora faz parte do cotidiano das pessoas ainda que essas pensem que podem viver sem a primeira. A metáfora não estaria restrita ao campo das palavras, mas estaria intimamente ligada tanto ao pensamento quanto à ação. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 45), o “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. A concepção de metáforas estruturais definida por esses autores prevê que um conceito seja estruturado metaforicamente em termos de outro.

Lakoff e Johnson analisam alguns exemplos que comprovam a tese do sistema conceitual como metáfora, isto é, a argumentação de que “os processos de pensamento são em grande parte metafóricos” (Lakoff e Johnson, 2002, p. 48). Entre eles, está o conceito DISCUSSÃO e a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, que está introjetada na nossa cultura e que pode organizar ações em uma discussão. Para os autores, as metáforas, como a supracitada, devem ser entendidas como *conceito metafórico*.

4 Aspectos Metodológicos

Os exemplos de metáforas cotidianas aqui analisados foram recortados de diversos programas jornalísticos radiofônicos, gravados no período de 8/3/2003 a 28/8/2003 nas duas principais emissoras de rádio com programação jornalística em Belo Horizonte, Minas Gerais - Rádio Itatiaia e Rádio CBN.

As gravações foram transcritas no mês de setembro de 2003. Ao optarmos por analisar não apenas um programa, mas a ocorrência de metáforas na programação como um todo, entendemos que estaria sendo possível perceber se as metáforas apareceriam como marca da linguagem radiofônica. Assim, o estudo minimizaria o risco de que o resultado pudesse apontar para um estilo pessoal de um repórter ou comunicador. A temática dos programas inclui reportagens e entrevistas sobre política, esporte, polícia, entre outros assuntos de interesse jornalístico.

O material coletado totalizou dez horas de gravação em fita magnética áudio em cada uma das emissoras de rádio. O estudo descartou comerciais, anúncios testemunhais feitos pelos locutores e vinhetas e se concentrou, especialmente, na fala de comunicadores e entrevistados. Ao final da seleção, foram analisadas cinco horas de gravação nas duas emissoras.

A pesquisa tem como objetivo realizar uma análise qualitativa dos exemplos de metáforas conceituais encontradas na programação das rádios Itatiaia e CBN. Está descartada, portanto, uma análise quantitativa dos dados. Não se trata também de estabelecer uma discussão sobre qual emissora adota uma linguagem mais metafórica ou se esse tipo de linguagem poderia ser mais ou menos adequado para o ouvinte.

5 Metáforas nas ondas do rádio

Nas manchetes do "Jornal da Itatiaia 2ª edição", veiculado na Rádio Itatiaia em 14/8/2003, encontramos exemplos da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, explicada anteriormente. "Reforma da previdência: magistrados ameaçam recuperar di-

reitos na justiça depois de brigarem para aumentar o subteto salarial". Aqui, a discussão no Congresso Nacional do projeto que prevê a reforma previdenciária é concebida como uma discussão em que as ações são desenvolvidas como em uma guerra. As pistas linguísticas ameaçam e brigarem são indicativas da assimilação do conceito DISCUSSÃO por meio da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA. Na edição de 11 horas do "Itatiaia Urgente", veiculado na mesma emissora em 26/8/2003, mais uma mostra da mesma metáfora conceitual no relato da correspondente da rádio em Brasília sobre a reforma previdenciária: "Mais um confronto entre governo e oposição marca o início das discussões hoje sobre a reforma da previdência".

No dia citado anteriormente, o comentarista político da CBN usa conceito metafórico semelhante ao anterior. Dessa vez, parece-nos apropriado VOTAÇÃO É GUERRA, em que o discurso sobre a reforma previdenciária é esquematizado em etapas análogas às de uma guerra. A primeira etapa diz respeito à atuação inicial naquela data: "O governo tem uma tarefa difícil pela frente, vai atuar em duas frentes hoje na Câmara". A seguir, vem a explicação da estratégia que será usada para a aprovação, conforme a pista linguística grifada: "Agora pela manhã tenta aprovar o finalzinho da reforma tributária, tenta derrubar os destaques, os pontos pendentes ainda da reforma tributária na comissão especial e à noite tenta aprovar em segundo turno a reforma da previdência". O comentarista indaga sobre o final possível para a guerra: "É possível o governo

ganhar as duas batalhas? Sim, é possível o governo ganhar as duas batalhas".

O comentarista da CBN prossegue com a análise da situação no Congresso Nacional, adotando novo conceito metafórico POLÍTICA É JOGO, expresso nos termos negritados a seguir, ao anunciar "...Ele (governo) substituiu deputado que estava contra, ele jogou conforme as regras, as regras permitem isso para obter melhores condições para vencer."No dia anterior, a tramitação da reforma tributária também foi destaque do comentário político da Rádio CBN. Nesse caso, identificamos novamente a metáfora conceitual POLÍTICA É JOGO, na manchete "Governo enfrentará obstáculos de toda ordem para aprovar a reforma tributária". O sentido metafórico aqui pode ser justificado pelo sentido secundário de obstáculo, que é o de uma barreira disposta ao longo de uma pista de corrida.

Novamente recorremos a um programa radiofônico para demonstrar mais uma evidência de metáforas cotidianas. No programa "Itatiaia Patrulha", veiculado na Rádio Itatiaia em 8/3/2003, em que se comemorou o Dia Internacional da Mulher, a repórter visita um casal de lésbicas em uma prisão feminina e entrevista uma das detentas. No depoimento, ao narrar o comportamento de uma ex-namorada, a entrevistada dá mostras da estruturação da metáfora AMOR É LOUCURA. "É. Ela tinha 13 anos quando eu comecei a namorar com ela. E até hoje ela é doida comigo. Eu proibi ela de vim aqui porque eu não gostava mais dela, eu falei com ela. E a família dela vem ainda me visitar aqui e quer que eu volte pra ela."Seguindo o raciocínio de Lakoff e Johnson, o conceito pode estar em um dos sentidos da palavra louco, que pode significar dominado por uma

paixão intensa, apaixonado, perdido. Podemos refletir sobre a analogia entre doida e louca, que apresenta como um de seus significados o de sem juízo, sem medida nem reflexão.

A metáfora conceitual ESPORTE É NEGÓCIO parece fazer parte do dia-a-dia dos jogadores e da equipe técnica dos clubes esportivos, assim como do universo conceitual dos jornalistas especializados na cobertura de eventos esportivos. No programa "Rádio Esportes", veiculado na Rádio Itatiaia em 25/8/2003, registramos algumas pistas lingüísticas que indicam essa hipótese. O repórter noticia a avaliação do técnico Wanderley Luxemburgo sobre a derrota do Cruzeiro para o Goiás, em Goiânia, dois dias antes: "Vou fazer o que é preciso para ser campeão brasileiro esse ano, custe o que custar". O jornalista complementa que "Essa é a cobrança pesada pra cima dos jogadores". Como todo negócio, o futebol deve ser lucrativo e os resultados dos jogos podem ser analisados a partir da relação custo-benefício que representam para o clube.

Na mesma notícia, evidenciamos a criação de similaridades entre IDÉIAS e ALIMENTOS, conforme nos lembram Lakoff e Johnson (2002, p. 246). Tanto as idéias quanto os alimentos podem ser "digeridos, engolidos, devorados e reaquecidos e ambos podem nutrir você". Não é novidade que o conceito de engolir ou ingerir alimentos não depende da relação metafórica; por outro lado, o conceito de engolir idéias está diretamente relacionado às metáforas. O repórter esportivo dá mostras de que esse conceito está introjetado na cultura popular ao anunciar "Wanderley Luxemburgo não engoliu a derrota". A idéia de perder o jogo ainda não

foi digerida pelo treinador já que o time é o líder do campeonato brasileiro e, teoricamente, deveria vencer quase todos os jogos. Dessa forma, a possibilidade de não sair vitorioso pode ser um prato indigesto para o técnico do time.

6 Conclusão

A linguagem radiofônica está permeada por conceitos metafóricos estruturados a partir de nossas experiências, assim como a linguagem cotidiana. De forma inconsciente, esses conceitos têm exercido influência significativa na nossa maneira de pensar e de agir, o que pode ser comprovado através da análise de exemplos obtidos em gravações de programas de rádio, meio no qual a linguagem cotidiana garante uma maior interação com os ouvintes.

A observação de algumas horas de programas radiofônicos em duas emissoras em Minas Gerais, entretanto, não nos permite afirmar que todos os locutores e repórteres de rádio adotam metáforas cotidianas em sua comunicação com os ouvintes. Por outro lado, não podemos desconsiderar que a sua presença é significativa nas mensagens e, muitas vezes, pronunciada de maneira enfática para chamar a atenção do ouvinte. O sistema conceitual do ouvinte pode ser, portanto, influenciado tanto do ponto de vista positivo, com sugestões educativas, quanto do ponto de vista negativo, incentivando o preconceito, a disputa, a rivalidade e até mesmo a violência por meio da linguagem.

É ainda importante registrar que as declarações destacadas para a análise dessa comunicação acadêmica incluem o discurso de jornalistas, de locutores e de entrevistados de grupos sociais distintos, tais como políti-

cos e presidiários. Talvez esteja aí a pista que possa nos levar à conclusão de que esses conceitos metafóricos estão disseminados ir-restritamente em nossa cultura, não se limitando à linguagem do romance ou da poesia.

7 Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. S.l. <Disponível em www.uol.com.br/cultvox/livros_gratis/arte_poetica.pdf>. Acesso em 8/5/2003.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o abuso: Ensaaios críticos III* (Trad: Lea Novaes) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CÂMARA JÚNIOR, Mattoso J. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LAKOFF, George. *Metáforas da vida cotidiana* / George Lakoff, Mark Johnson; [coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto] – Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002. 360 p. Título original: *Metaphors we live by*.
- MERRIAM-Webster Dictionary. S.l. <Disponível em www.webster.com>. Acesso em 26/8/2003.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MUNDO em Dados 2003: Indicadores econômicos e sociais de 160 países. São Paulo: Editora Abril, 2003. 224 p.

NUNES, Mônica R. Ferrari. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: Annablume, 1993.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Metáforas Negras*. In PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: FALE, 1998. p. 105-119.

SEIDEL, Erica Jean. *Metaphor: From Plato to the Postmodernists*. S.l. <Disponível em www.victorianweb.org/cpace/theory/seidel/homepage.html>. Acesso em 26/8/2003.

ZANOTTO, M.S.T. *Metáfora e indeterminação do sentido: abrindo a caixa de Pandora*. In PAIVA, Vera (ed.) *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: FALE, 1998. p. 13-38.